

ANIMAIS PEÇONHENTOS: UMA ABORDAGEM CONTEXTUALIZADA E PREVENTIVA NO ÂMBITO ESCOLAR

BRENDA PERES DUTRA¹; ANDREI MORAIS BARBOSA²; BEATRIZ DE FREITAS CORRÊA³; FRANCINE RODRIGUES PEDRA⁴; GABRIELA MEDEIROS FERREIRA⁵; VERÔNICA PORTO GAYER⁶

¹Universidade Federal de Pelotas 1 – be_dutra@outlook.com 1

²Universidade Federal de Pelotas 2 – andreibarbosa23@gmail.com 2

³Universidade Federal de Pelotas 3 – biatriz55@hotmail.com 3

⁴Universidade Federal de Pelotas 4 – francinepedra@outlook.com.br 4

⁵Universidade Federal de Pelotas 5 – gabiimed23@gmail.com 5

⁶Universidade Federal de Pelotas – veve_artes@hotmail.com 6

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho é proveniente das intervenções realizadas pelo projeto de extensão intitulado “ Museu Itinerante de Parasitologia: vivenciando os saberes do aprendizado”, cujo eixo temático principal, o qual se vincula, é o da educação e prevenção às parasitoses com foco no público infantil das escolas. Ainda no âmbito de saúde pública, uma segunda área foi abordada ao longo dos trabalhos realizados, sendo o ensino e conscientização acerca dos animais peçonhentos.

Animais peçonhentos são aqueles que produzem substâncias tóxicas conhecidas como biotoxinas e possuem estruturas especializadas para a inoculação destas secreções, assim como serpentes, aranhas e escorpiões. As estruturas que realizam a inoculação são bastante variadas desde dentes, ferrões, agulhões e esporões (GOMES, 2010). Por outro lado, existem animais conhecidos como venenosos, estes produzem veneno, mas não possuem o aparato inoculador. Eles podem provocar o envenenamento através do contato, compressão ou da própria ingestão, podemos citar como exemplo de animais venenosos os sapos, rãs e pererecas (DINIZ, 2010). As concepções sobre animais peçonhentos e venenosos ainda causam confusão, principalmente quando a informação é dissipada por meios falante ou midiático, os quais, por vezes, veiculam as duas denominações como sinônimos.

No Brasil, conforme o Centro de Informações e Assistência Toxicológica (CIAT), os acidentes causados por animais peçonhentos constituem a segunda causa de notificação epidemiológica entre adultos e crianças, sendo considerado um problema de saúde pública. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), desde do ano de 2009, este tipo de acidente foi incluído na lista de Doenças Neotropicais Negligenciadas.

Os acidentes com crianças, apesar de não serem frequentes quando comparados com adultos, quando ocorrem são de maior gravidade. Isso se dá devido a quantidade de peçonha injetada em relação ao acidentado, já que a problemática está na concentração do veneno, que no caso das crianças, a fração livre nos órgãos alvo é mais alta (OLIVEIRA et al. 1999). Os acidentes com escorpiões e aranhas possuem maior incidência, enquanto que as ocorrências com ofídicos são de menor frequência, em decorrência do hábito noturno das serpentes.

Portanto, através das intervenções realizadas a princípio com o tema das parasitoses, percebeu-se a necessidade de pautar o tópico sobre os animais peçonhentos na escola em questão. Desta forma, foi realizada uma nova

intervenção com o objetivo de informar e orientar a respeito destes animais. Principalmente ensinando como identificá-los, local onde residem, ações preventivas, quais as medidas que devem ser tomadas se forem picados e como devem proceder, ao mesmo tempo enfatizando a importância biológica e ecológica dos animais peçonhentos.

2. METODOLOGIA

O trabalho apresenta uma abordagem predominantemente qualitativa (LÜDKE e ANDRÉ, 1986).

A intervenção ocorreu vinculada ao projeto de extensão intitulado “Museu Itinerante de Parasitologia: vivenciando os saberes do aprendizado”, tendo sido aplicado em uma escola municipal no bairro Fragata, no município de Pelotas-RS, contemplado turmas de 4º e 5º ano do ensino fundamental. O tema dos peçonhentos foi abordado devido às necessidades da própria escola, a qual relatou o aparecimento destes animais no ambiente escolar.

A abordagem ocorreu de forma expositiva dialogada sobre a importância biológica e ecológica que esses animais desempenham, utilizando material multimídia, além da observação de exemplares das espécies explanadas, os quais estavam armazenadas em frascos contendo álcool 70%.

Os peçonhentos abordados foram: aranha-marrom (*Loxosceles*); aranha caranguejeira (*Grammostola*); aranha-armadeira (*Phoneutria*); aranha-de-jardim (*Lycosa*); escorpião-preto (*Bothriurus bonariensis*); e as serpentes jararaca (*Bothrops jararaca*), cruzeira (*Bothrops alternatus*) e cobra-corral (*Micrurus*).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em primeiro momento, foi questionado aos alunos a diferença entre animais peçonhentos e animais venenosos, e para a nossa surpresa, eles sabiam que os animais peçonhentos têm uma estrutura que inocula o veneno na presa, citaram, inclusive, a cobra e a sua capacidade de inserir veneno pelo dente.

Em seguida, fizemos uma comparação entre a aranha-marrom (*Loxosceles*) e a aranha caranguejeira (*Grammostola*) e perguntamos qual apresenta maior risco, novamente os alunos responderam corretamente, disseram que a aranha mais perigosa seria a marrom, entretanto, deram mais ênfase ao fato dela ser pequena e poder entrar na roupa sem percebermos, não relacionando ao poder da peçonha. Explicamos também que a mesma libera uma substância química quando pressionada ao corpo e essa substância produz uma alergia (que pode necrosar) e é por este motivo que ela é tão perigosa. Contudo, mencionamos que, às vezes tal picada não produz nenhuma reação alérgica e a sua picada é indolor. Ainda comentamos sobre a aranha-de-jardim (*Lycosa*) e a aranha armadeira (*Phoneutria*), esta maior e mais agressiva, e costuma “armar” o ataque quando se sente incomodada, erguendo as pernas anteriores como sinal de advertência, podendo pular alguns centímetros em direção da presa.

Posteriormente, abordamos sobre o escorpião-preto (*Bothriurus bonariensis*) mencionamos que os mesmos são encontrados entre pedras e entulhos de obra, e por conta disso devemos evitar entulhos em nossas residências para evitar possíveis acidentes com os mesmos, pois estes procuram abrigo e alimento (insetos) nesses lugares, e inoculam o veneno através agulhão que fica na cauda. Seguidamente foi mostrado uma breve comparação de

algumas características morfológicas que diferem as serpentes peçonhentas e não peçonhentas. Exibimos as serpentes que mais causam acidentes na região: Jararaca (*Bothrops jararaca*); cruceira (*Bothrops alternatus*) e a cobra-coral (*Micrurus*), esta com acidentes raros. No caso da cobra-coral foi importante mostrar até porque ela diverge das características morfológicas das outras serpentes peçonhentas.

Passamos instruções para prevenção de acidentes ofídicos, que são: manter os pátios limpos e com a grama aparada, evitar aglomeração de materiais aos arredores de residências e galpões, eliminar acúmulos de resíduos sólidos, resíduos oriundos de materiais de construção, fazer uso botas de borrachas ou botinas quando for a algum dos locais citados, e sempre ao mexer em lenhas, buracos ou folhas secas, usar luvas, gravetos ou enxada.

Para a prevenção de acidentes com aracnídeos nas residências, foi recomendado bater os colchões, verificar sapatos antes de calçar, sacudir lençóis e toalhas antes de usar, fazer uso de luvas para fazer faxinas e mexer em frestas, evitar acúmulo de resíduos e entulhos nos arredores de residências.

Também disseminamos orientações oportunas como forma de advertir os cuidados iniciais em casos de acidentes com aracnídeos e as medidas emergenciais como, lavar cuidadosamente o local lesionado com água e sabão, não colocar torniquetes no local da picada, não perfurar, manter a calma ao se deslocar com o intuito de não agravar ainda mais a situação, também devem manter o membro acometido elevado, quando possível, para que o veneno não se disperse rapidamente para outras regiões do corpo. Indicamos que devem procurar um hospital mais próximo e se possível levar uma foto ou anotar as características do animal que os picou, para que os profissionais da área da saúde possam adotar a conduta correta. Ressaltamos que os animais peçonhentos só costumam atacar quando se sentem ameaçados.

Concluímos por um contexto mais ecológico sobre a importância desses animais, e que no caso das serpentes, a maioria são encontradas próximas às residências devido a perda do seu habitat pelas ações antrópicas do homem e salientamos caso ocorra a presença de animais peçonhentos em suas residências, ou proximidades, deveriam entrar em contato com os órgãos responsáveis como: Corpo de Bombeiros, Núcleo de resgate a fauna silvestre (NURFS) e a Patrulha de ambiental (PATRAN).

4. CONCLUSÕES

Alcançamos um resultado acima do esperado, observando o nível de interesse dos alunos, os inúmeros questionamentos que foram feitos ao longo da apresentação e histórias que foram compartilhadas. Desse modo, consideramos que foi uma experiência satisfatória, pois tivemos a oportunidade de trocar conhecimento fora da universidade.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, S. A. **Guia de Animais Peçonhentos e Venenosos do Câmpus da UNESP de Botucatu**, Botucatu, 2015

DIAS, E. **Guia de Bolso: Animais Peçonhentos**. Belo Horizonte. Fundação Ezequiel, 2015.

DINIZ, M. J. **O Tema “Animais Peçonhentos”: Proposta de Atividade Lúdica no Ensino de Ciências.** 2010. Dissertação (Mestrado em Ensino em Biociências e Saúde) - Curso de Pós-Graduação em Ensino em Ciências, Instituto Oswaldo Cruz.

GERMANO, L.C. **Avaliação epidemiológica dos atendimentos por exposição e intoxicação em um hospital no interior do estado de São Paulo/Lucas Coraça Germano.-Campinas,2015.** Dissertação(mestrado)-Universidade Federal de Campinas, Faculdade de Ciências Médicas.

GOMES, B. L. **Acidentes Com Peçonhentos No Extremo Sul do Rio Grande do Sul, Brasil.** 2010. Trabalho de conclusão de curso - Curso de Ciências Biológicas, Universidade Federal de Pelotas.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: EPU, 1986.

Ministério da Saúde (BR).**Secretaria de Vigilância em Saúde.** Boletim epidemiológico. Brasília, 29 mar. 2019.

Acessado em 12 set. 2019 . Online. Disponível em:
<https://portalarquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2019/marco/29/2018-059.pdf>

OLIVEIRA, S. J; CAMPOS, A. J; COSTA, M. D. Acidentes por animais peçonhentos na infância. **Jornal de Pediatria**, Rio de Janeiro, v. 75, n. 2, p. 251-258, 1999.